

Texto apresentado em:

FREITAS, M.J.C.C.; ANNUNCIATO, D.P. Botucatu às margens do Tietê cultura e sustentabilidade. Prefácio de Reinaldo Matias Fleuri. Botucatu: Ministério da Cultura e AES Tietê, 2008. 158p.

Botucatu *às margens do Tietê*

Cultura e Sustentabilidade



Prefácio

Poderemos viver juntos?

Alain Touraine

Nós precisamos crescer juntos!

Nelson Andrilli

Não adianta ficar pescador para um lado e morador para o outro... não adianta, nós temos que crescer juntos! É a afirmação de Nelson Andrilli, em reunião realizada em julho de 2007. Discutiam o conflito dos pescadores – que se fixaram nas margens do Reservatório da Usina Hidrelétrica de Barra Bonita, interior do Estado de São Paulo – e os antigos proprietários de ranchos e fazendas na região. Um conflito gerador de preconceitos mútuos, alimentados pelo desconhecimento e medo recíproco. Entretanto, tal conflito não passa de um pequeno indício do longo e complexo processo de ocupação deste território.

A história da região de Botucatu (SP), cujo nome tradicional significa “terra de bons ares”, é descrita neste livro em rápidas, mas intensas, linhas. Na busca de contextualizar e compreender os recentes desafios socioculturais e econômico-políticos, a narrativa entretetece informações historiográficas e científicas com contos populares, desenhando, em cores vivas e traços fluidos, o cenário humano, cultural e ambiental. Descreve a constituição geológica do ambiente, ancestralmente transformada e interpretada pelos habitantes aborígenes, pré-cabralinos. Relata o processo de conquista pelos novos colonizadores e bandeirantes, mediante intervenções por vezes genocidas e predatórias. Discute as recentes mudanças ambientais e sociais, mais especificamente produzidas por grandes projetos, como o de instalação da Usina Hidrelétrica de Barra Bonita. Focaliza o desafio principal que se coloca hoje: *Quais as condições de possibilidade para que os diferentes grupos sociais que vivem na região possam conviver e se desenvolver de modo humano, cooperativo e sustentável?*

A convivência humana ambientalmente sustentável é um desafio fundamental em nossa época. Já ficou evidente que o modo de desenvolvimento que veio se impondo historicamente se constitui numa real ameaça para o equilíbrio da natureza e para a manutenção da vida em nosso planeta. Assistimos hoje ao progressivo esgotamento dos recursos naturais, à saturação de processos poluidores, às profundas e incontrolláveis alterações climáticas e

à drástica redução da biodiversidade. Ao mesmo tempo, do ponto de vista social e humano, verificamos a degradação do patrimônio histórico, a perda de diversidade cultural, a diminuição da qualidade de vida. Sujeitos às dinâmicas complexas das redes financeiras globais, os governos já não são capazes de garantir o que anteriormente os estados de bem-estar social garantiam. Em várias regiões do planeta eclodem conflitos, alguns com proporções catastróficas; ocorrem novos genocídios, aumentam os refugiados. A concentração urbana e o esvaziamento da vida rural agravam os processos de exclusão social, associados a um crescente número de “sem-teto” e desempregados. O modelo de desenvolvimento econômico atual gera, em suma, um crescente número de pessoas pobres e vulneráveis e, ao mesmo tempo, degrada o ambiente natural.

Al Gore¹ afirma que os problemas ecológicos (como o aquecimento global, provocado pela emissão crescente de gás carbônico na atmosfera) podem ser resolvidos, ou minimizados, por um conjunto de ações coletivas. A efetivação destas medidas depende de decisões políticas e da conscientização ecológica de todos.

Esta necessidade remete à questão “*Poderemos viver juntos?*” – formulada por Alain Touraine: “*Nós já vivemos juntos*” – o mesmo autor constatou. Mas enfatizou que a questão de fundo é a de “*como combinar nossas diferenças com a unidade de determinada vida coletiva?*”². Os modelos civilizatórios desenvolvidos até hoje têm se defrontado com um dilema. Ou buscam submeter todos os indivíduos às mesmas leis universais da razão, da religião ou da história, gerando processo de dominação e sujeição. Ou a aceitação de diferenças sem limites conduz à segregação e à guerra civil.

Para Touraine³, o desafio civilizatório que se coloca hoje é o de combinar a liberdade do sujeito pessoal, o reconhecimento das diferenças culturais e as garantias institucionais que protegem esta liberdade e estas diferenças. Entretanto, a proposta formulada por Nelson Andrilli – “temos que *crescer* juntos!” – apresenta uma perspectiva mais ampla, do ponto de vista ecológico. Aponta para o fato de que a construção de processos de convivência e diálogo entre diferentes sujeitos e diferentes culturas é hoje a condição para se *crescer* juntos. Ou seja, para se promover processos de desenvolvimento econômico e humano que garantam o equilíbrio da natureza e a sustentabilidade da vida em nosso planeta.

O diálogo entre diferentes sujeitos e diferentes culturas, a relação intercultural, constitui-se como um processo de negociação entre diferentes pontos de vistas, interesses, modos de compreender o mundo. Trata-se de construir acordos, sem que o consenso anule as diferenças. O mais espinhoso problema do nosso tempo, com efeito, é o da possibilidade de *respeitar as diferenças* e de *integrá-las em uma interação que não as anule*, mas que *ative o potencial criativo e vital da conexão entre diferentes agentes e entre seus respectivos contextos*.

1. Albert Arnold Gore Jr. foi vice-presidente dos Estados Unidos durante a administração de Bill Clinton, entre 1993 e 2001. Pelo seu ativismo ambientalista, dividiu o Prêmio Nobel da Paz de 2007 com os cientistas responsáveis pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas da Organização das Nações Unidas (IPCC).

2. Touraine, 1998, p. 15.

3. *Ibid.*

Desenvolver ações nesta direção implica, em primeiro lugar, construir um *projeto intencional* para promover a relação entre pessoas de culturas diferentes. Para além do reconhecimento da coabitação das diferentes culturas, é necessária a decisão, por parte de todos os sujeitos envolvidos, de realizar um projeto de mudança paradigmática e de construção de contextos de diálogo e de cooperação.

Em segundo lugar, na perspectiva intercultural, as pessoas não reduzem a outra cultura a um objeto estereotipado, folclórico. Mas a cultura do outro grupo social é considerada como seu modo próprio de ver e interagir com a realidade. A relação entre culturas diferentes, entendidas como contextos complexos, produz confrontos entre visões de mundo diferentes. Neste sentido, a interação com uma cultura diferente contribui para que uma pessoa, ou um grupo, modifique o seu horizonte de compreensão da realidade, na medida em que lhe possibilita assumir lógicas diferentes de interpretação da realidade e de relação social.

Em terceiro lugar, a relação intercultural desenvolve-se como relação entre *pessoas* de culturas diferentes. Não simplesmente entre “culturas”, entendidas de modo abstrato. Valorizam-se prioritariamente os *sujeitos*, que são os criadores e sustentadores das culturas. As culturas não existem abstratamente. São saberes de grupos e de pessoas históricas, das quais jamais podem ser completamente separáveis. As pessoas são formadas em *contextos culturais* determinados. Mas *são as pessoas que fazem cultura*. Neste sentido, a estratégia *intercultural* consiste antes de tudo em promover a relação entre as pessoas, enquanto membros de sociedades históricas, caracterizadas culturalmente de modo muito variado, nas quais são sujeitos ativos.

A relação intercultural se apresenta como um processo, ou seja, um caminho aberto, complexo e *multidimensional*, pois envolve uma multiplicidade de fatores e de dimensões: a pessoa e o grupo social, a cultura e a religião, a língua e a alimentação, os preconceitos e as expectativas, os processos econômicos e os contextos ambientais. Esta relação precisa ser construída mediante um processo educativo, que não se reduz a uma simples relação de conhecimento: trata-se *da interação entre sujeitos*. Isto significa uma relação de troca e de reciprocidade entre pessoas vivas, com rostos e nomes próprios, reconhecendo reciprocamente seus direitos e sua dignidade. Uma relação que vai além da dimensão individual dos sujeitos e envolve suas respectivas *identidades culturais diferentes*.

A educação intercultural e ambiental se configura, assim, como uma pedagogia do encontro até suas últimas consequências. Visando a promover uma experiência profunda e complexa, em que o encontro/confronto de narrativas diferentes configura uma ocasião de crescimento para o sujeito. Constitui-se como uma experiência não superficial e incomum de conflito/acolhimento, que traz implicações para a estrutura de convivência social e ambiental. No

processo ambivalente da relação intercultural, é totalmente imprevisível seu desdobramento ou resultado final. Trata-se de verificar se a interação cultural produz efeitos na própria matriz cognitiva do sujeito. O que é uma particular oportunidade de crescimento da cultura pessoal de cada um, assim como de mudança das relações sociais e ecológicas, na perspectiva de mudar tudo aquilo que impede a construção de uma sociedade mais livre, mais justa, mais solidária, mais sustentável.

Este livro focaliza os desafios interculturais e ambientais enfrentados pela população que se constituiu às margens do reservatório da Usina Hidrelétrica de Barra Bonita. O represamento do Rio Tietê alterou sua dinâmica, implicando a reprodução de espécies de peixes nativos. A introdução de uma espécie exótica, a Tilápia, levou a uma grande proliferação deste tipo de peixe. A abundância da Tilápia acabou atraindo pescadores e agentes comerciais, promovendo a migração de pessoas provenientes de várias regiões e a formação de novas comunidades ribeirinhas, às margens do Tietê botucatuense, como os bairros de Rio Bonito e de Porto Said. Famílias inteiras, neste local, possuem atualmente a pesca da Tilápia como principal fonte de renda, enfrentando a sazonalidade da atividade, o choque cultural e a contraposição de proprietários antigos das casas de veraneio e habitantes do município. Apesar da atividade pesqueira produzir um considerável incremento econômico à arrecadação da cidade e ajudar no controle das espécies de peixe da represa, evitando a superpopulação de peixes na represa, muitos conflitos entre os moradores e trabalhadores têm surgido, mediados por inquéritos e repressões policiais. Entretanto, verificou-se, de um lado, que a migração de pescadores e familiares é motivada por necessidade de trabalho. De outro lado, constatou-se que estes não são os únicos responsáveis pelos danos ambientais. Evidenciou-se, portanto, a necessidade da construção de um Plano Ambiental, para equacionar o desenvolvimento econômico sustentável para a região em toda sua amplitude.

A experiência de intervenção educacional e mediação intercultural relatada neste livro mostra que os esforços de diálogo despertaram a inequívoca vontade de cooperação com vistas à solução dos principais problemas emergentes. Foi se tornando claro que é possível encontrar um caminho para efetivamente “crescer em conjunto” às margens do reservatório, que é possível responder aos desafios e ir ainda mais longe, solidificando-se uma ampla parceria intercultural e interinstitucional em função da promoção do desenvolvimento local sustentável.

Reinaldo Matias Fleuri⁴

4. Reinaldo Matias Fleuri é Professor Titular na Universidade Federal de Santa Catarina, Coordenador do Núcleo de Pesquisas “Educação Intercultural e Movimentos Sociais” (www.mover.ufsc.br) e Presidente da Association pour la Recherche Interculturelle (ARIC).

Sumário

<i>Prefácio</i>	4
<i>Apresentação</i>	12
<i>Agradecimentos</i>	17
<i>Introdução - O desenvolvimento nas sociedades do século XXI</i>	19
<i>Os desafios atuais</i>	20
<i>O desenvolvimento sustentável</i>	26
<i>Capítulo 1 - No leito do Gigante Adormecido</i>	32
<i>Ybytu Katu ou Terra de Bons Ares</i>	32
<i>A Cuesta e a Baixada</i>	35
<i>O Aquífero Guarani</i>	40
<i>O Tietê, esse perseverante rio</i>	42
<i>Flora e Fauna nas memórias locais</i>	44
<i>Pelos caminhos do Peabiru</i>	55
<i>Capítulo 2 - O domínio colonial e a constituição da freguesia</i>	60
<i>A chegada dos europeus e a destruição das culturas locais</i>	62
<i>Entradas e monções: exploração e ocupação a todo custo</i>	63
<i>O tímido início do ciclo rural e as tentativas frustradas de povoamento</i>	69
<i>O primeiro núcleo populacional e a criação da freguesia</i>	72
<i>Capítulo 3 - Cafezais, trens e vapores</i>	74
<i>Afirmção do ciclo rural e a destruição das florestas nativas</i>	74
<i>Apogeu e declínio</i>	77
<i>Representações da vida interiorana</i>	89

<i>Capítulo 4 - A subida das águas e suas memórias</i>	92
<i>História de pescador</i>	93
<i>A industrialização e as necessidades energéticas</i>	96
<i>A incrível usina de Barra Bonita</i>	97
<i>Nós vamos começar e é aqui, na sua casa!</i>	101
<i>Travessias... e travessuras</i>	105
<i>A Fazenda Porto Martins</i>	107
<i>Remanescentes de Porto Martins</i>	109
<i>Novo rio, novos desafios</i>	110
<i>Rio Bonito: um novo Tietê em Botucatu</i>	111
<i>Novas travessias</i>	112
<i>Capítulo 5 - Desafios de um futuro sustentável às margens do reservatório de Barra Bonita</i>	114
<i>Contradições ambientais das barragens</i>	118
<i>Os desafios à sustentabilidade local</i>	121
<i>As dinâmicas mais recentes</i>	125
<i>O choque intercultural e o conflito legal</i>	129
<i>As primeiras tentativas de resolução</i>	133
<i>Novas abordagens e os progressos alcançados</i>	138
<i>Considerações finais</i>	146
<i>Referências</i>	148
<i>Relação de entrevistados</i>	153
<i>Outros casos do Tietê</i>	154
<i>Créditos das Imagens</i>	158